

DHARMA

CAPÍTULO I

CAUSALIDADE

I

AS QUATRO NOBRES VERDADES

1. O mundo está cheio de sofrimentos. O nascimento, a velhice, a doença e a morte são sofrimentos, assim como são o fato de odiar, estar separado de um ente querido ou de lutar inutilmente para satisfazer os desejos. De fato, a vida que não está livre dos desejos e paixões está sempre envolta com angústia. Eis o que se chama de a Verdade do Sofrimento.

Sem dúvida, a causa do sofrimento humano encontra-se nos desejos do corpo físico e nas ilusões das paixões mundanas. Se estes desejos e ilusões forem investigados em suas fontes, poder-se-á verificar que os mesmos se acham profundamente arraigados nos instintos físicos. Assim, o desejo tendo um grande vigor, já em sua base, pode manifestar-se em tudo inclusive mesmo em relação à morte. A isso se chama a Verdade da Causa do Sofrimento.

Se o desejo, que se aloja na raiz de toda a paixão humana, puder ser removido, aí então morrerá esta paixão e desaparecerá, conseqüentemente, todo sofrimento humano. Isto é chamado de a Verdade da Extinção do Sofrimento.

Para se atingir um estado de tranquilidade em que não há desejo nem sofrimento, deve-se percorrer o Nobre

Caminho, galgando as oito etapas que são: Percepção Correta, Pensamento Correto, Fala Correta, Comportamento Correto, Meio de Vida Correto, Esforço Correto, Atenção Correta e Concentração Correta. Eis a Verdade do Nobre Caminho para Extinção dos Desejos.

Deve-se ter sempre em mente estas verdades, pois estando o mundo cheio de sofrimentos, deles se pode escapar apenas com o romper dos vínculos das paixões mundanas, que são a causa única das agonias. O meio de vida, isento de toda paixão mundana e do sofrimento, somente é conhecido através da Iluminação e esta somente pode ser alcançada através da disciplina do Nobre Caminho.

2. Aqueles que buscam a Iluminação devem entender as Quatro Nobres Verdades. Se não as entender, perambularão interminavelmente no desconcertante labirinto das ilusões da vida. Todos aqueles que conhecem as Quatro Nobres Verdades são chamados de “pessoas que adquiriram os olhos da Iluminação”.

Por esta razão, aqueles que quiserem seguir os ensinamentos de Buda deverão concentrar suas mentes nestas Quatro Nobres Verdades e procurar entendê-las claramente. Em todas as épocas, um santo, se verdadeiramente for um, é aquele que as conhece e as ensina aos outros.

Quando um homem conhecer claramente as Quatro Nobres Verdades, o Nobre Caminho o afastará de toda a cobiça. Uma vez livre da cobiça, ele não brigará com o

mundo, não matará, não roubará, não cometerá adultério, não trapaceará, não abusará, não invejará, não se irritará, não se esquecerá da transitoriedade da vida, nem será injusto.

3. Seguir o Nobre Caminho é como encontrar-se num quarto escuro com uma luz na mão: a escuridão se dissipará e o quarto se encherá de luz.

Aqueles que compreendem o significado das Nobres Verdades aprenderam a percorrer o Nobre Caminho, estão de posse da luz da sabedoria que dissipará as trevas da ignorância.

Buda guia os homens, indicando-lhes as Quatro Nobres Verdades. Aquele que as compreender corretamente, alcançará a Iluminação. Eles poderão guiar e amparar a todos neste desconcertante mundo e serão dignas de fé. Quando as Quatro Nobres Verdades forem claramente entendidas todas as fontes de paixões mundanas se esgotarão.

Partindo destas Quatro Nobres Verdades, os discípulos de Buda atingirão todas as outras verdades, adquirindo a sabedoria e virtude para compreender todos os significados, e serão capazes de ministrar o Dharma a todos os homens do mundo.

II

CAUSALIDADE

1. Assim como há causas para todo o sofrimento humano, existe também um meio pelo qual ele pode extinguir, porque tudo no mundo é o resultado de uma grande confluência de causas e condições e todas as coisas desaparecem, quando estas causas e condições mudam ou deixam de existir.

O chover, o soprar dos ventos, o vicejar das plantas, o madurecer e perecer das folhas são fenômenos relacionados às causas e condições e são por elas motivados e desaparecem quando se alteram estas causas e condições.

Uma criança nasce tendo por condições os pais sendo que seu corpo é nutrido por alimentos e sua mente educa-se com ensinamentos e experiências.

Assim, o corpo e a mente se relacionam às condições e variam quando elas se alteram.

Assim, como uma rede é confeccionada com uma série de nós, tudo neste mundo possui também uma série de vínculos. Se alguém pensar que a malha de uma rede é coisa independente ou isolada, estará equivocado.

Uma rede é feita com inumeráveis malhas interligadas, tendo cada uma o seu lugar e responsabilidade em relação às

outras.

2. A florescência e a queda das folhas acontecem, são motivadas por uma série de condições. A florescência não aparece incondicionada, nem a folha cai por si mesma. Assim, tudo tem seu aparecimento e desaparecimento e nada pode ser independente ou imutável.

Segundo a perene e imutável lei deste mundo, tudo é criado e tudo desaparece motivado por uma série de causas e condições, tudo muda, nada permanece inalterável.

III

ORIGINAÇÃO DEPENDENTE

1. Então, onde estão a fonte de toda tristeza, da lamentação, do sofrimento e da agonia? Não deve ela ser encontrada na ignorância e na obstinação?

Os homens se apegam obstinadamente à vida de riqueza e fama, de conforto e prazer, de excitação e egoísmo, sem saber que estes desejos são a fonte do sofrimento humano.

Desde seu princípio, o mundo tem tido uma série de calamidades, além das inevitáveis doenças, velhice e morte.

Se, porém, se fizer um preciso estudo de todos os fatos, verificar-se-á que na base de todo sofrimento reside o desejo ardente. Assim, disso se pode inferir que o sofrimento hu-

mano terminará se a cobiça puder ser removida.

A cobiça é o fruto da necessidade e das falsas interpretações que povoam a mente humana.

Esta ignorância e falsas interpretações surgem do fato de que os homens estão inconscientes da verdadeira razão do suceder das coisas.

Da ignorância e falsas interpretações brotam os desejos impuros pelas coisas que, realmente, são inalcançáveis, mas pelas quais os homens procuram, incansável e cegamente.

Por causa da ignorância e das falsas interpretações, os homens criam discriminações, que na realidade não existem. Inerentemente, não existe discriminação entre o certo e o errado no comportamento humano, mas os homens, por causa de sua ignorância, imaginam tais distinções, julgando-as como certas ou erradas.

Levados por sua ignorância, os homens estão sempre formulando pensamentos errados, estão sempre emitindo falsas opiniões e agem erradamente, apegando-se ao seu ego. Consequentemente, eles se entranham cada vez mais num mar de ilusões.

Fazendo de seus atos o campo de satisfação do ego, nutrindo a mente de discriminações, anuviando-a com a tolice, fertilizando-a com a chuva dos desejos ardentes, irrigando-a com a obstinação do ego, os homens lhe

acrescentam o conceito do mal e com isso carregam consigo mais este fardo de ilusão.

2. Na realidade, este corpo de ilusão nada mais é do que o produto da própria mente, assim como o são as ilusões da tristeza, a lamentação, o sofrimento e a agonia.

Este mundo de erro não é senão a sombra causada pela mente. É de se notar, contudo, que desta mesma mente emerge o mundo da Iluminação.

3. Neste mundo há três errôneos pontos de vista.

Se a eles nos apegarmos, todas as coisas deverão ser refutadas.

Explicuemos. Primeiro, diz-se que toda experiência humana baseia-se no destino; segundo, afirma-se que tudo é criado por Deus e controlado por sua vontade; terceiro, diz-se que tudo acontece ao acaso, sem ter uma causa ou condição.

Se tudo tem sido decidido pelo destino, tanto as boas como as más ações são predestinadas, a felicidade e a desdita também o são, nada existe sem que tenha sido predestinado. Se assim fosse, todos os planos e esforços para melhora ou progresso seriam em vão e à humanidade não restariam esperanças.

O mesmo se diga quanto aos outros pontos de vista,

pois se tudo em última instância está nas mãos de Deus ou depende da cega eventualidade, que esperança poderá ter a humanidade nesta submissão? Não é de se admirar que os homens crendo nestes conceitos, percam a esperança e não se esforcem para agir corretamente e evitem o mal.

De fato, estes três conceitos ou pontos de vista estão errados: tudo acontece ou se manifesta, tendo por fonte uma série de causas e condições.

CAPÍTULO II

A MENTE DO HOMEM E A FORMA REAL DAS COISAS

I

A IMPERMANÊNCIA E A NEGAÇÃO DO EGO

1. Embora o corpo e a mente sejam o produto de várias causas cooperantes, disto não se pode inferir que se confundam com o “eu”. Sendo constituído por um agregado de elementos, o corpo físico é por este motivo transitório.

Se o corpo fosse um “eu”, ele poderia fazer isto ou aquilo, segundo a determinação daquele.

Embora um rei tenha o poder de louvar ou punir aqueles que assim o merecem, ele não pode evitar a decrepitude do corpo físico, nem a velhice, e sua fortuna e desejos nada podem fazer para evitá-las.

Nem a mente se confunde com o “eu”. Ela é também um agregado de causa e condições. Está constantemente mudando.

Se a mente se confundisse com o “eu”, faria isso ou aquilo segundo a vontade deste eu, mas assim não acontece e ela, muitas vezes, se afasta sem o querer daquilo que é

certo, buscando o mal. Nada parece suceder exatamente como deseja o ego.

2. Diante da pergunta se o corpo físico é permanente ou transitório, deve-se responder “transitório”.

À indagação se a existência transitória é felicidade ou sofrimento, deve-se, geralmente, responder “sofrimento”.

Se um homem acreditar que tais coisas transitórias, tão mutáveis e cheias de sofrimentos, formam ou são o “eu”, esta- rá incorrendo em grave erro.

A mente é também inconstante sofrimento pois nada possui que possa ser considerada um “eu”.

O nosso verdadeiro corpo e mente, que constituem uma vida individual, e o mundo exterior que a rodeia, estão muito afastados tanto das concepções de "eu" como das de "meu".

Apenas a mente, toldada pelos desejos impuros e impermeável à sabedoria, é que, obstinadamente, persiste em pensar no “eu” e “meu”.

Desde que o corpo físico e suas circunstâncias são originados pelas cooperantes causas e condições, eles estão continuamente mudando, não perdendo nunca estas características.

Sempre inconstante, a mente é como a corrente de um rio ou como a chama de uma vela, ou ainda, como um macaco inquieto que não para um momento sequer.

Em busca da Iluminação, um sábio, vendo e ouvindo tais coisas, deverá romper todo o apego ao corpo e à mente.

3. Há cinco coisas neste mundo que ninguém pode realizar: primeira, evitar a velhice, quando se está envelhecendo; segunda, evitar doença, quando o corpo é predisposto a enfermidade; terceiro, não morrer, quando o corpo deve morrer; quarta, negar a dissolução, quando, de fato, há a dissolução do corpo; quinta, negar a extinção, quando tudo deve extinguir-se.

Todas as pessoas no mundo, cedo ou tarde, apercebem-se destes fatos e, conseqüentemente, sofrem, mas aqueles que têm ouvido o ensinamento de Buda não se afligem, pois sabem que estes fatos são verdadeiramente inevitáveis.

Há, além disso, outras quatro verdades neste mundo: primeira, todos os seres vivos nascem da ignorância; segunda, todos os objetos do desejo são impermanentes, incertos e sofrimento; terceira, tudo que existe é também impermanente, incerto e sofrimento; quarta, nada existe que possa ser chamado de “ego”, e não há nada que se possa considerar “meu” em todo o mundo.

Estas verdades, segundo as quais tudo é

impermanente, efêmero e destituído do ego, nada tem a ver com o aparecimento ou desaparecimento de Buda neste mundo. Estas verdades são insofismáveis e Buda, sabendo disso, prega o Dharma a todos.

II

A ESTRUTURA DA MENTE

1. A ilusão e a Iluminação originam-se na mente e tudo é criado pelas diferentes funções da mente, assim como variadas coisas acontecem da manga de um mágico.

As atividades da mente não têm limite, elas criam as circunstâncias da vida. Uma mente corrompida cerca-se de pensamentos impuros e uma mente pura, pelo contrário, cerca-se de coisas puras; disto se conclui que o ambiente ou as circunstâncias que são tão ilimitáveis quanto o são as atividades mentais.

Um quadro e seus matizes são pintados por um artista estimulado pelas atividades da mente. Os planos de existência criados por Buda são puros e livres de qualquer corrupção, entretanto, assim não o são aqueles criados pelos homens.

Como a mente cria as circunstâncias de vida, um único quadro pode apresentar infinitos e variados pormenores. Nada existe num mundo, que não seja criado pela mente.

Buda sabe perfeitamente que tudo é conformado pela mente humana. Aqueles, portanto, que têm conhecimento disso podem ver o verdadeiro Buda.

2. Mas a mente que abriga a necessidade e a cobiça, que cria seus ambientes, nunca está livre de lembranças, temores e lamentações, não só do passado, como também do presente e do futuro.

É da ignorância e da avidez que surge o mundo do erro e suas causas e condições existem apenas dentro da mente, em nenhum lugar mais.

A vida e a morte nascem da mente e nela existem. Daí, uma vez desaparecida esta mente, o mundo da vida e da morte também se extingue.

Um obscuro e desnordeado viver surge de uma mente confusa com seu mundo de ilusão. Quando aprendermos que fora da mente não existe nenhum mundo ilusório, a mente anuviada tornar-se-á clara e se não mais nos cercarmos de ambientes impuros, estaremos prontos para alcançar a Iluminação.

Deste modo, o mundo da vida e da morte é criado pela mente, a ela se sujeita e por ela é regido, a mente é o senhor de toda situação. O mundo do sofrimento é assim causado por uma mente mal orientada.

3. Portanto, tudo é criado, controlado e regido pela

mente. Assim como o carro segue o boi que o puxa, o sofrimento segue a mente que se cerca de maus pensamentos e de paixões mundanas.

Mas se um homem falar e agir com boas intenções, a felicidade o guiará como sua sombra. Aqueles que agirem mal estarão com a consciência tomada pelo mau ato praticado, o qual implicará na inevitável retribuição em vidas futuras. Mas aqueles que agirem com bons propósitos estarão com a consciência tranquila pelo bom ato perpetrado, estarão felizes com o pensamento de que os bons atos lhe trarão felicidade em vidas que se seguirão.

Uma mente impura levará o homem a cambalear em uma áspera e íngreme estrada, na qual haverá muitas quedas e sofrimentos, mas uma mente pura o conduzirá por um caminho suave, pelo qual a viagem lhe será tranquila.

Aquele que tiver o corpo e a mente puros, aquele que puder romper as malhas do egoísmo, dos maus pensamentos e desejos, estará percorrendo o caminho do reino de Buda. Aquele que tiver a mente calma adquirirá a paz, e assim, poderá sempre cultivar a mente com maior diligência.

III

A FORMA REAL DAS COISAS

1. Desde que tudo no mundo é causado pelo concurso

das causas e condições, não poderá haver nenhuma distinção básica entre as coisas. As aparentes distinções são criadas pelos absurdos e discriminadores pensamentos dos homens.

No firmamento não há a distinção entre o leste e o oeste pois os homens criaram esta distinção em suas mentes e a julgam como verdadeira.

De um ao infinito, os números matemáticos são completos e nenhum deles guarda em si qualquer distinção de quantidade mas, para atender a própria conveniência, os homens fazem discriminações e atribuem a cada um dos números uma característica quantitativa.

No universal processo da criação não há, inerentemente, distinções entre o processo da vida e o da extinção, mas os homens fazem distinção chamando a um de nascimento e a outro de morte. Paralelamente, não havendo nenhuma discriminação entre o certo e o errado nos atos, os homens fazem distinção para atender à sua tola conveniência.

Buda se afasta destas discriminações e considera o mundo comum uma nuvem passageira. Para Buda toda coisa definitiva é mera ilusão porque Ele sabe que tudo aquilo ao qual a mente se apega e despreza é sem substância, assim ele evita as ciladas das aparências e os pensamentos discriminadores.

2. Os homens buscam coisas para satisfazer a própria conveniência e conforto; buscam riquezas e glórias, ape-

gando-se desesperadamente à vida.

Fazem arbitrárias distinções entre a existência e a não existência, entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. Os homens fazem da vida uma sucessão de apegos e sofreguidão e por este motivo sentem as ilusões da aflição e sofrimento.

Vejamos uma parábola. Certa vez, um homem, numa longa viagem, chegou a um rio. Desejando alcançar a margem oposta, que parecia mais suave e segura, construiu com galhos e juncos uma balsa e atravessou com segurança o rio. Alcançando a margem oposta, ele pensou: “Esta balsa me foi muito útil para a travessia do rio, por isso não deixarei que apodreça numa praia qualquer, levá-la-ei comigo.” Assim, voluntariamente, carregou um fardo desnecessário. Pode este homem ser considerado sábio?

Esta parábola mostra que mesmo as coisas úteis devem ser jogadas fora, quando se tornarem um fardo desnecessário, e assim deve se suceder com as coisas ruins. Buda faz disso uma norma para evitar vãs e desnecessárias discussões.

3. As coisas não vêm nem vão, não aparecem nem desaparecem e portanto, não se obtêm nem se perdem coisas.

Buda ensina que as coisas não aparecem nem desaparecem, visto que elas transcendem a afirmação ou a negação da existência. Isto é, sendo o resultado da concordância e sucessão de causas e condições, uma coisa não existe em si mesma, por isso pode ser considerada como não-existente.

Ao mesmo tempo, relacionando-se com as causas e condições, ela pode ser considerada como não sendo não-existente.

Apegar-se a uma coisa por causa de sua forma é fonte de ilusão. Se não houver o apego à forma, esta falsa imaginação e absurda ilusão não ocorrerão. A Iluminação é a sabedoria em ver esta verdade e em evitar tais tolas ilusões.

O mundo é realmente como um sonho e seus tesouros são uma sedutora miragem! Como as aparentes distâncias num quadro, as coisas não têm realidade em si mesmas, são como a névoa.

4. Acreditar que as coisas criadas por uma incalculável série de causas possam perdurar para sempre, incorre em um grave erro e a isso se chama a teoria da permanência. Também será um grande erro crer que as coisas desapareçam completamente e a isto é o que se chama a teoria da não-existência.

Estas características da perenidade da vida e da morte, da existência e da não-existência, não se aplicam à natureza essencial das coisas. Referem-se apenas às suas aparências, que são observadas pelos equivocados olhos humanos que são impelidos pelo desejo, fazendo com que os homens se apeguem a estas aparências. Mas em sua natureza essencial, as coisas estão isentas de discriminações e apegos.

Desde que tudo é criado por uma série de causas e

condições, a aparência das coisas está mudando constantemente. Isto é, as coisas são tão inconstantes quanto às suas aparências, da mesma forma que são tão constantes quanto à sua autêntica substância. Devido a esta constante mudança nas aparências é que comparamos as coisas a uma miragem ou um sonho. Entretanto, apesar destas mudanças na aparência, são constantes e imutáveis.

Um rio é um rio para um homem, mas para um demônio faminto que vê fogo na água, pode parecer como tal. Portanto, falar a um homem acerca da existência de um rio teria algum nexos, mas para este fabuloso ser não teria nenhum sentido.

Da mesma maneira, pode-se dizer que as coisas são como ilusões, não podendo ser consideradas como existentes, nem como não-existentes.

Além disso, é um erro identificar esta vida efêmera com a imutável vida da verdade. Também não se pode dizer que ao lado deste mundo de mudanças e aparências, exista outro mundo de constância e verdade. Será erro também considerar este mundo como ilusório ou real.

Supondo que este é um mundo real, os homens agem levados por esta absurda suposição. Como este mundo é apenas ilusão, seus atos, fundamentados no erro, somente os conduzem à aflição e ao sofrimento.

Mas, reconhecendo que o mundo é somente ilusão,

um homem sábio não age como se ele fosse real, escapando assim do sofrimento.

IV

O CAMINHO DO MEIO

1. Aqueles que estão trilhando o caminho da Iluminação devem evitar os dois extremos. Primeiro, o extremo da indulgência para com os desejos do corpo. Segundo, o extremo oposto que os leva a renunciar esta vida, praticar a disciplina ascética e torturar, sem razão alguma, seus corpos e mentes.

O Nobre Caminho, que transcende estes dois extremos e conduz à Iluminação, à sabedoria e à paz da mente, pode ser chamado de o Caminho do Meio. O que é o caminho do Meio? Consiste ele de Oito Caminhos Nobres, a saber: Percepção correta, pensamento correto, fala correta, comportamento correto, meio de vida correto, empenho correto, atenção correta e concentração espiritual correta.

Como já foi dito, todas as coisas aparecem ou desaparecem motivadas por uma infundável série de causas. Os tolos consideram a vida como existência ou não-existência, mas os sábios a consideram como algo que transcende a existência e a não-existência; este é um procedimento do Caminho do Meio. .

2. Suponhamos uma tora flutuando num rio. Se ela não encalhar, não afundar, não for retirada por um homem ou não se apodrecer, alcançará certamente o mar. A vida é como esta tora apanhada pela corrente de um grande rio. Se uma pessoa não se apegar à vida de autoindulgência ou, renunciando a esta vida, não se dedicar à autotortura; se não se envaidecer com suas virtudes ou não se apegar aos seus maus atos; se na busca da Iluminação souber respeitar a ilusão e não a temer; esta pessoa estará trilhando o Caminho do Meio.

O importante, quando se está seguindo o caminho da Iluminação, é evitar ser apanhado e envolvido por um dos extremos e seguir sempre o Caminho do Meio.

Sabendo-se que as coisas nem existem e nem são não-existentes, lembrando-se da natureza onírica de tudo, deve-se evitar todo o orgulho pessoal, ou a exaltação dos bons atos, ou ainda, ser apanhado e envolvido por toda e qualquer coisa mais.

Para se evitar ser apanhado pela corrente dos desejos, deve-se aprender, desde o princípio, a não se aferrar às coisas, a fim de que não se acostume nem se apegue a elas. Não se deve apegar nem à existência nem à não-existência, nem a qualquer coisa interior ou exterior, nem às boas como às más coisas, nem ao certo nem ao errado.

A vida de ilusão começará a partir do momento em que houver o apego às coisas. Aquele que está seguindo o

Nobre Caminho para a Iluminação não deve nutrir tristes recordações daquilo que passou, nem deve antegozar o futuro; deve, isto sim, com uma mente justa e tranquila, acolher aquilo que vier.

3. A Iluminação não possui forma ou natureza definidas, com as quais ela pode se manifestar, porque na própria Iluminação não há nada a ser esclarecido.

A Iluminação existe unicamente porque existem a ilusão e a ignorância; se elas desaparecerem, a Iluminação também desaparecerá. O oposto é verdadeiro, isto é, a ilusão e a ignorância existem porque existe a Iluminação; quando cessar a Iluminação, a ignorância e a ilusão também cessarão.

Portanto, não considerem a Iluminação como uma “coisa” a ser aferrada, a fim de que ela não se torne também um empecilho. Quando uma mente anuviada se ilumina, as trevas desaparecem e com elas a “coisa” a que chamamos Iluminação também deixa de existir.

Se os homens desejam e se apegam à Iluminação, isto significa que eles ainda alimentam a ilusão; aqueles, portanto, que estiverem trilhando o caminho da Iluminação não deverão a ela se apegar, e, uma vez alcançada a Iluminação, nela não mais deverão pensar.

Quando se atingir, de fato, a Iluminação, poder-se-á ver que tudo encerra, em si mesmo, uma Iluminação; portanto, deve-se seguir o caminho da Iluminação até que se

conclua quais as paixões mundanas são, em si mesmas, Iluminação.

4. Este conceito da unidade universal – que as coisas, em sua natureza essencial, não possuem marcas distintivas – é chamado de “Sunyata”. Por sunyata entende-se a não-substancialidade, a não-existência, algo que não tem natureza própria nem dualidade. Pelo fato de as coisas não possuírem, em si mesmas, nenhuma forma ou características, é que podemos dizer que as coisas não nascem nem se destroem. Nada existe na natureza essencial das coisas que possa ser descrito em termos de discriminação; eis porque as coisas são consideradas não-substanciais.

Como já foi mencionado, todas as coisas aparecem e desaparecem pelo concurso das causas e condições. Nada existe inteiramente só; tudo se interrelaciona.

Onde há luz, há sombra; onde há extensão, há pequenez; onde há branco, há preto. Como estas oposições, a própria natureza das coisas não pode existir sozinha, eis porque as coisas são chamadas de não-substanciais ou sunyata.

Conclui-se, pois, que a Iluminação não pode existir à parte da ignorância, nem a ignorância, à parte da Iluminação. Se as coisas não se diferenciam em sua natureza essencial, como pode haver dualidade?

5. Os homens, habitualmente, relacionam-se a si mesmos e a tudo com o nascimento e a morte, mas, na realidade,

não há tais concepções.

Quando os homens compreenderem esta verdade, aperceber-se-ão da verdade da não-dualidade: do nascimento e da morte.

Os homens, porque nutrem a idéia de um ego, apegam-se à idéia de posse; mas, como não há um “eu”, não pode haver um “meu”; se puderem compreender esta verdade, poderão, então, compreender a verdade da não-dualidade.

Os homens fazem a distinção entre pureza e impureza, mas na natureza das coisas, não existe tal distinção; eles a criam, levados pelas falsas e absurdas imaginações.

Da mesma maneira, não pode haver distinção entre o bem e o mal, pois não há nenhum bem ou mal existindo separadamente. Aqueles que estiverem trilhando o caminho da Iluminação deverão reconhecer esta não-dualidade, a fim de que não sejam levados a louvar o bem e a condenar o mal, ou a desprezar o bem e indultar o mal.

Os homens temem, naturalmente, o infortúnio e almejam a felicidade; mas, se estudarmos cuidadosamente esta distinção, verificaremos que o infortúnio, muitas vezes, se torna felicidade e que a ventura se torna infelicidade. O sábio aprende a encarar as cambiantes circunstâncias da vida, com uma mente imparcial, não se exaltando com o sucesso nem se deprimindo com o fracasso. Assim se compreende o

princípio da não-dualidade.

Todas estas palavras que expressam relações de dualidade com a existência e não-existência, paixões mundanas e verdadeiro conhecimento, pureza e impureza, o bem e o mal – todos estes termos de contrastes não são expressos nem conhecidos em sua verdadeira natureza. Se os homens se afastarem destas palavras e das ilusões por elas causadas, poderão compreender a verdade universal de sunyata.

6. A pura e fragrante flor de lótus desenvolve-se melhor na lama e num pântano do que num terreno limpo e firme; da mesma maneira, a pura Iluminação de Buda surge do lodo das paixões mundanas. Assim, mesmo os mais absurdos pontos de vista e as ilusões das paixões mundanas podem ser sementes da Iluminação de Buda.

Assim como um mergulhador, para garantir suas pérolas, deve descer ao fundo do mar e arrastar todos os perigos que lhe oferecem os pontiagudos corais e os malévolos tubarões, o homem deve enfrentar os perigos da paixão mundana, se ele quiser obter a preciosa pérola da Iluminação. Primeiro ele deve estar perdido entre os íngremes penhascos do egoísmo e do amor-próprio, para depois sentir o desejo de procurar um caminho que o leve à Iluminação.

Uma lenda nos dá conta de que um eremita, que tinha grande desejo de encontrar o verdadeiro caminho, escalou uma montanha de espadas, jogou-se em uma fogueira, a elas sobrevivendo por causa de sua grande fé. Aqueles, pois, que

estão arrastando os perigos do caminho, encontrarão uma fresca e suave brisa soprando nas escarpadas montanhas do egoísmo e entre os fogos do ódio e, por fim, compreenderão que o egoísmo as paixões mundanas, contra os quais lutou e sofreu, são a própria Iluminação.

7. O ensinamento de Buda nos conduz do conceito discriminado entre dois pontos de vista conflitantes à não-dualidade. Será, portanto, um erro os homens buscarem uma coisa tida supostamente como boa e certa, e evitar outra supostamente iníqua e nociva.

Aquele que insiste em afirmar que tudo é vazio e transitório incorre em erro, assim como errará aquele que insistir em afirmar que todas as coisas são reais e imutáveis. O apego ao ego, fonte do descontentamento e sofrimento, é um erro, assim como o é a crença na não-existência do ego; tudo isso é inútil para aquele que pratica o Caminho da Verdade. A afirmação de que tudo é sofrimento é um erro; assim como o será a afirmação de que tudo é felicidade. Buda ensina o Caminho do Meio, onde a dualidade se funde em unidade, e que transcende estes conceitos extremados.

CAPÍTULO III

A NATUREZA DE BUDA

I

A MENTE DE PUREZA

1. Entre os homens encontramos vários níveis de consciência: uns são sábios, outros, tolos; uns são facilmente levados, outros difíceis de serem levados; uns possuem a mente pura, outros a possuem corrompida; mas estas diferenças são perfeitamente desprezáveis, quando se chega a atingir a Iluminação. As flores de lótus apresentam uma grande variedade de plantas e flores de diversos matizes: há brancas, escarlates, azuis, amarelas; umas se desenvolvem sob a água, outras estendem suas folhas sobre a água. Em confronto a elas, a humanidade apresenta muito mais diferenças, além da diferença de sexo. O sexo, entretanto, não é uma diferença essencial, pois, com apropriado treinamento, tanto as mulheres, como os homens podem alcançar a Iluminação.

Para ser um treinador de elefantes, deve-se possuir cinco requisitos: boa saúde, confiança, diligência, sinceridade de propósito e sabedoria. Para seguir o Nobre Caminho da Iluminação de Buda, deve-se também possuir estas mesmas boas qualidades. Se alguém, não importando o sexo, tiver estas qualidades, ser-lhe-á possível alcançar a Iluminação, não precisando de muito tempo para aprender os ensinamentos de Buda, pois todos os homens possuem a natureza

inata à Iluminação.

2. No caminho da Iluminação, os olhos que vêem Buda e a mente que crê em Buda são os mesmos olhos e a mesma mente que, até trilhar esse caminho, vagavam no mundo do nascimento e da morte.

Se um rei é importunado por bandidos, ele deve, primeiro, localizar o seu covil, para depois atacá-los. Assim, quando um homem é acochado pelas paixões mundanas e quiser combatê-las, deve averiguar-lhes as suas origens.

Quando um homem está numa casa e abre os olhos, primeiro verá o interior da sala e somente depois verá o panorama exterior através das janelas. Assim, não se pode ver as coisas externas antes que as coisas no interior da casa sejam notadas.

Se há uma mente no corpo, ela deve, em primeiro lugar, conhecer as coisas internas deste. Os homens, entretanto, estão mais interessados em coisas externa e parece pouco conhecer ou interessar-se pelas coisas do corpo.

Se a mente estivesse fora do corpo, como ela poderia saber das necessidades do corpo? De fato, o corpo sente o que a mente conhece e a mente sabe o que o corpo sente. Não se pode, portanto, dizer que a mente está fora do corpo. Onde, então, existe a substância da mente?

3. Desde o mais remoto passado, sendo condicionados

por seus próprios atos e iludidos por dois fundamentais falsos conceitos, os homens têm vagado na ignorância.

Primeiro, acreditavam que a mente discriminadora, que fica à base desta vida de nascimento e morte, fosse a sua verdadeira natureza; e, segundo, não sabiam que, oculta pela mente discriminadora, eles possuíam a mente pura da Iluminação, que é sua verdadeira natureza.

O movimento de fechar o punho e levantar o braço é percebido pelos olhos e é discriminado pela mente, mas a mente que o discrimina não é a verdadeira mente.

A mente discriminadora é apenas a mente que discrimina as imaginárias diferenças que a cobiça e outras disposições do ego criaram. A mente discriminadora está sujeita às causas e condições, ela é vazia de toda substância e está em constante mudança. Mas desde que os homens acreditam que esta é a sua verdadeira mente, a ilusão passa a ser parte integrante das causas e condições que produzem o sofrimento.

A mão se abre e a mente o percebe; mas o que é que se move primeiro? Será a mente ou será a mão? Ou nem uma nem outra? Se a mão se move, a mente, em correspondência, também se move e vice-versa; mas a mente que se move é apenas a aparência superficial da mente: não é a mente verdadeira e fundamental.

4. Fundamentalmente, todos possuem uma mente

pura, mas, habitualmente, ela é toldada pela corrupção e pelo lodo dos desejos mundanos que surgem das circunstâncias peculiares a cada um. Esta mente corrompida não é a verdadeira essência de cada um: é algo que lhe foi acrescentado, como um intruso ou mesmo um hóspede numa casa.

A lua é escondida, muitas vezes, pelas nuvens, mas por elas não é movida e sua pureza permanece imaculada. Não se deve, portanto, estar iludido com o pensamento de que esta mente corrompida é a verdadeira mente.

Os homens devem sempre se lembrar deste fato e empenhar-se em neles despertar a pura, a imutável e fundamental mente da Iluminação. Sendo dominados por uma inconstante e corrompida mente e sendo iludidos por suas deturpadas idéias, eles erram num mundo de ilusões.

As confusões e o aviltamento da mente são criados pela cobiça, bem como pelas reações às suas mutáveis circunstâncias.

A mente que não é perturbada pelas coisas que acontecem, que permanece pura e serena em todas as circunstâncias, é a verdadeira mente e senhor.

Não se pode dizer que uma hospedaria desaparece, apenas porque o hóspede aí não é visto; nem se pode dizer que o verdadeiro ego desapareceu, quando a corrompida mente, que surge das mutáveis circunstâncias da vida, tem desaparecido. Aquilo que muda com as cambiantes condições não é a verdadeira natureza da mente.

5. Imaginemos uma sala de leitura que é iluminada, enquanto o sol brilha, e se escurece após o pôr do sol.

O dia e a noite obedecem a determinado ciclo, por isso podemos dizer que a luz se vai com o sol e a escuridão vem com a noite, mas o mesmo não se pode dizer da mente que percebe a claridade e as trevas. A mente que é suscetível à claridade a às trevas apenas pode reverter à sua verdadeira natureza, a nada mais.

É apenas a mente “temporária” que, momentaneamente, percebe as mudanças entre claridade e escuridão, de acordo com o nascer e o pôr do sol.

Somente a mente “temporária” tem diferentes sentimentos, de momento a momento, com as mutáveis circunstâncias da vida; não é a mente real e verdadeira. Apenas a mente fundamental e verdadeira é que compreende a claridade e as trevas.

Os sentimentos temporários do bem e do mal, do amor e do ódio, que foram criados pelo ambiente e pelas mutáveis condições externas, são apenas reações momentâneas que têm sua causa nos erros acumulados pela mente.

Por trás dos desejos e paixões mundanas que a mente abriga, acha-se latente, clara e incorruptível, a fundamental e verdadeira essência da mente.

A água se amolda à forma do recipiente que a contém,

ela não tem nenhuma forma particular. Mesmo compreendendo isso, os homens muitas vezes se esquecem deste fato.

Os homens consideram isso bom e aquilo mau, gostam disso e desgostam daquilo, distinguem existência da não-existência; e então, sendo apanhados nestas confusões e a elas se apegando, sofrem.

Se os homens pudessem abandonar seu apego a estas imaginárias e falsas discriminações, e restituir a pureza à sua mente original, então, poderiam ter a mente e o corpo livres de todo aviltamento e sofrimentos e gozar da tranquilidade que advém desta libertação

II

A NATUREZA BÚDICA

1. Tem-se dito que a pura e verdadeira mente é a mente fundamental; ela é a própria natureza búdica, isto é, a semente do reino de Buda.

Pode-se conseguir fogo, enfocando-se os raios solares sobre uma moxa, através de uma lente. Mas se a moxa não tiver a natureza combustível, certamente, não haverá fogo.

Da mesma maneira, se a luz da Sabedoria de Buda for concentrada sobre a mente humana, sua verdadeira natureza será inflamada, Sua luz iluminará as mentes dos homens

com seu esplendor e despertará a fé em Buda. Buda enfoca a lente da Sabedoria sobre a mente de todos os homens, despertando-lhes a fé.

2. Muitas vezes, os homens negligenciam a afinidade de sua verdadeira mente com a iluminada sabedoria de Buda, e, por causa disso, emaranham-se nas paixões mundanas, apegam-se à discriminação entre o bem e o mal, e então, lamentam esta escravidão e sofrimento.

Por que é que os homens, possuindo esta mente fundamental e pura, ainda se apegam às falsas divagações e se condenam a vagar num mundo de ilusão e sofrimento, se em tudo ao seu redor existe a luz da Sabedoria de Buda?

Certa vez, um homem enlouqueceu, porque, olhando o reverso de um espelho, não viu seu rosto nele refletido. Quão desnecessário é a um homem enlouquecer simplesmente, por olhar o reverso de um espelho!

É tolice e desnecessário a uma pessoa continuar sofrendo simplesmente porque não alcançou a Iluminação, quando esperava alcançá-la. Não há insucesso na Iluminação; a falha reside nas pessoas que, durante muito tempo, procuraram Iluminação em suas mentes discriminadoras, não compreendendo que estas não são as verdadeiras mentes, e sim, falsas e corrompidas, causadas pelo acúmulo da avidez e ilusões toldando e ocultando suas verdadeiras mentes.

Se este acúmulo de falsas divagações for eliminado, a

Iluminação aparecerá. Mas, fato estranho, quando os homens atingirem a Iluminação, verificarão que, sem as falsas divagações, não poderá haver Iluminação.

3. A natureza búdica não é algo que chegue a um fim. Embora os perversos possam nascer feras ou demônios famintos, ou cair em desgraça, eles nunca perdem a sua natureza búdica.

Por mais que esteja entranhada na corrupção da carne ou oculta na raiz dos desejos mundanos, e por mais esquecida que possa estar, a afinidade humana por Buda nunca é completamente extinta.

4. Uma antiga estória nos conta que um ébrio caiu em um profundo sono. Seu amigo ficou junto dele tanto tempo quanto pôde, mas, tendo de ir-se e temendo que ele viesse passar necessidades, escondeu uma jóia nas roupas do ébrio. Recuperando a sobriedade e ignorando que seu amigo havia escondido uma jóia em sua roupa, perambulou faminto e na pobreza. Tempos depois, os dois homens se encontraram e o amigo contou tudo a respeito da jóia ao pobre, aconselhando-o a procurá-la.

Como o ébrio da estória, os homens perambulam, sofrendo nesta vida de nascimento e morte, inconscientes de que, oculto em sua íntima natureza, encontra-se o puro, imaculado e inestimável tesouro da natureza de Buda.

Por mais inconscientes que possam os homens estar do

fato de que cada um possui dentro de si esta suprema natureza, e por mais vis e néscios que possam ser, Buda nunca perde a fé neles, porque Ele sabe que neles há, potencialmente, todas as virtudes da natureza de Buda.

Assim, Buda desperta a fé naqueles que são iludidos pela ignorância e não podem ver sua própria natureza de Buda; Ele os afasta das fantasias e lhes ensina que, originalmente, não existe nenhuma diferença entre eles e Buda.

5. A diferença que há entre Buda e os homens é que Buda é aquele que já atingiu o estado de Buda, e os homens são aqueles que têm toda a possibilidade de atingi-lo.

Mas se um homem pensar que já alcançou a Iluminação, estará se iludindo a si mesmo pois, embora possa estar se movendo nessa direção, ainda não atingiu o estado de um Buda.

A natureza de Buda não se manifesta sem que seja feito um diligente e constante esforço, nem a tarefa pode ser considerada terminada enquanto não aparecer o estado de Buda.

6. Certa vez, um rei reuniu alguns homens cegos ao redor de um elefante e lhes perguntou o que lhes parecia ser. O primeiro deles apalpou a presa e disse que o elefante se parecia com uma gigantesca cenoura; outro, tocando-lhe a orelha, disse que se parecia com um enorme leque; outro, apalpado-lhe a tromba, concluiu que o elefante se parecia com

um pilão; outro, tocando-lhe a perna, disse que se parecia com um morteiro; outro ainda, agarrando-lhe a cauda, disse que o elefante era semelhante a uma corda. Nenhum deles foi capaz de descrever ao rei a forma real do elefante.

Da mesma maneira, pode-se descrever parcialmente a natureza do homem, mas não se pode descrever a verdadeira natureza de um ser humano, a natureza de Buda.

Somente Buda e seu nobre ensinamento poderão fornecer subsídios para a compreensão da perene natureza do homem, sua natureza búdica que é imperturbável pelos desejos mundanos e que não se destrói com a morte.

III

A NATUREZA BÚDICA E A NEGAÇÃO DO EGO

1. Tem-se falado da natureza búdica como sendo algo que possa ser descrito, como sendo algo similar à “alma” de outras doutrinas, mas assim não o é.

O conceito de um “ego-pessoa” é algo criado e imaginado pela mente discriminadora e que a ele se apegou, mas que deve ser abandonado, quando se está trilhando o caminho da Iluminação. A natureza de Buda, pelo contrário, é algo indescritível e que deve ser descoberto e compreendido. Em certo sentido, ela se assemelha a um “ego-pessoa”, mas

não é o “ego” na acepção do “eu existo” ou “meu”.

Acreditar na existência de um ego é uma crença errônea, pois implica na sua não-existência. Também é errado negar a natureza de Buda, pois isto supõe que a existência é não-existência.

Vejamos uma parábola. Certa mãe levou seu filho doente a um médico. Este deu à criança um remédio e instruiu a mãe para que não a amamentasse até que o remédio fosse digerido.

A mãe, não querendo recusar os seios à criança, mas lembrando-se da recomendação médica, untou o peito com uma substância amarga, a fim de que o filho, por sua própria vontade, não mamasse. Após a digestão do remédio, a mãe limpou os seios e deixou que o filho sugasse. A mãe empregou este método de salvar o filho porque o amava.

Como a mãe na parábola, Buda, para remover equívocos e romper os apegos ao ego-pessoa, nega a existência de um ego; e, quando estes equívocos e apegos forem desfeitos, Ele explica a realidade da verdadeira mente que é a natureza búdica.

O apego ao ego conduz os homens às ilusões, mas a fé em sua natureza de Buda os leva à Iluminação.

Certa vez, foi legado um cofre a uma mulher. Não sabendo ela que o cofre continha ouro, continuou a viver na

pobreza, até que alguém o abriu e lhe mostrou o ouro. Assim, Buda abre a mente dos homens e lhes mostra a pureza de sua natureza búdica.

2. Se todos possuem esta natureza búdica, por que os homens se enganam uns aos outros, matam-se uns aos outros e, conseqüentemente, sofrem? E por que há distinções de classe, sendo uns ricos, outros, pobres?

Um lutador, que usava como ornamento em sua fronte uma pedra preciosa, um dia julgou tê-la perdido, quando estava lutando. Sendo ferido pelo golpe recebido, procurou um médico para que lhe tratasse a ferida. Ao fazer o curativo, o médico encontrou a jóia engastada na carne e coberta de sangue e poeira. Apresentando-lhe um espelho, o médico mostrou a pedra ao lutador.

A natureza búdica é como esta pedra preciosa: sendo coberta pela poeira e lodo de muitos e variados interesses, os homens julgam tê-la perdido, mas um bom mestre a recupera para eles.

A natureza búdica existe em todos os homens, não importando quão profundamente eles a ocultem com a cobiça, a ira, a tolice, ou a soterrarem com seus atos ou retribuições. A natureza de Buda não se perde nem é destruída; tão logo toda a corrupção seja removida, ela sai de sua latência e reaparece.

Como o lutador da estória, a quem foi mostrada a jóia

engastada na carne e sangue, por meio de um espelho, a natureza búdica, soterrada em seus desejos e paixões mundanas, é mostrada aos homens pela luz de Buda.

3. A natureza búdica permanece sempre pura e tranquila, não importando quão variadas possam ser as condições e as circunstâncias dos homens. Assim como o leite é sempre branco, independentemente da cor da vaca, não importa quão diferentemente os atos perpetrados pelos homens possam condicionar sua vida, nem que diferentes efeitos possam seguir suas ações ou pensamentos, a natureza de Buda permanece intocável.

Segundo uma fábula corrente na Índia, havia, profundamente escondida em grandes moitas de capim, no Himalaia, uma misteriosa erva medicinal. Durante muito tempo, os homens a procuraram em vão mas, finalmente, um sábio homem a localizou por sua fragrância. Enquanto viveu, o sábio a armazenou em uma barrica, dela fazendo um doce elixir; mas, após a sua morte, o doce elixir desapareceu, ocultando-se em uma longínqua fonte nas montanhas e a água que restou na barrica tornou-se amarga, nociva e de diferente gosto para quem a provasse.

Do mesmo modo, a natureza búdica se encontra oculta ao pé das paixões mundanas e raramente pode ser descoberta, mas Buda a encontrou e a revelou aos homens; como eles a recebem com suas variadas faculdades, ela reflete diferentemente a cada um.

4. O diamante, a mais dura das substâncias conhecidas, não pode ser triturado. A areia e as pedras podem ser pulverizadas, mas o diamante não pode ser rompido. A natureza de Buda é como o diamante, não podendo ser, portanto, rompida.

O corpo e a mente poderão desaparecer, mas a natureza de Buda não pode ser destruída.

A natureza búdica é, na verdade, a característica mais notável do homem. Buda ensina que, embora na natureza humana possa haver infindáveis distinções, entre as quais homens e mulheres, não há discriminação nenhuma, quanto à sua natureza búdica.

O ouro puro é obtido pela fusão do minério e pela remoção da ganga impura. Se os homens fundissem o minério de suas mentes e removessem todas as impurezas da paixão mundana e do egoísmo, poderiam descobrir em si mesmo a pura natureza búdica.

CAPÍTULO IV

AS MÁΣ PAIXÓES

I

A NATUREZA HUMANA

1. Há duas espécies de paixões mundanas que corrompem e ocultam a pureza da natureza de Buda.

A primeira é a paixão pela discriminação e discussão, pela qual os homens se confundem nos julgamentos. A segunda é a paixão pela experiência emocional, pela qual os méritos das pessoas se tornam confusos.

As ilusões do raciocínio e as ilusões da prática parecem ser a síntese de todas as falhas humanas, mas, na realidade, há outras duas em suas bases. A primeira é a ignorância, a segunda é o desejo.

As ilusões do raciocínio baseiam-se na ignorância e as ilusões da prática apoiam-se no desejo, assim, estes dois conjuntos formam, na realidade, apenas um conjunto, e juntos são a fonte de todo o infortúnio.

Se os homens são ignorantes, não podem raciocinar correta e seguramente. Quando se sujeitam ao desejo pela existência, o sentimento de posse e o apego a tudo, inevitavelmente, os seguirão. É este constante apego a tudo

agradável, visto ou ouvido, que leva os homens à ilusão do hábito. Alguns cedem mesmo ao desejo pela morte do corpo.

Destas fontes primárias surgem todas as paixões mundanas da cobiça, da ira, da tolice, do equívoco, ressentimento, ciúme, lisonja, fraude orgulho, desprezo, da embriaguez e do egoísmo.

2. A cobiça surge da errônea idéia a respeito da satisfação; a ira surge do estado insatisfatório dos negócios ou circunstâncias; a tolice advém da inabilidade de julgar qual é a conduta correta.

Esta tríade – a cobiça, a ira e a tolice – é chamada de os Três Fogos do Mundo. O fogo da cobiça consome aqueles que perderam suas verdadeiras mentes na avidez; o fogo da ira consome aqueles que as perderam no ódio; o fogo da tolice consome aqueles que perderam suas verdadeiras mentes no insucesso em ouvir ou atender aos ensinamentos de Buda.

Na verdade, este mundo está se incendiando com seus variados fogos. Há fogos da cobiça, fogos do ódio, da tolice, da desenfreada paixão e do egoísmo, fogos da decrepitude, da doença da morte, fogos da tristeza, da lamentação, do sofrimento e da agonia. Em toda parte, estes fogos se alastram. Estes fogos das paixões mundanas não somente queimam o ego, mas também induzem a outrem a sofrer e o levam a perpetrar atos errados do corpo, da fala e da mente.

Das feridas causadas por estes fogos emana o pus que infecta e envenena aqueles em que toca e os leva aos maus caminhos.

3. A cobiça surge em virtude da satisfação; a ira surge por causa da insatisfação; a tolice é o fruto dos pensamentos impuros. O mal da cobiça tem pouca impureza, mas é difícil de ser removido; o mal do ódio tem mais impureza, mas é fácil de ser removido; o mal da tolice tem muito mais impureza e é muito mais difícil de ser superado.

Portanto, os homens devem debelar estes fogos, quando e onde aparecerem, com o correto julgamento daquilo que pode dar a verdadeira satisfação, com o rigoroso controle da mente, diante das coisas insatisfatórias da vida, e recordando sempre os ensinamentos da benevolência e bondade de Buda. Se a mente estiver repleta de sábios, puros e altruísticos pensamentos, nela não haverá lugar para as paixões mundanas deitarem raiz.

4. A cobiça, a ira e a tolice são como a febre. Se um homem estiver com esta febre, sofrerá atormentado pela insônia, mesmo estando em um quarto confortável.

Aqueles que não tiverem esta febre, não sentirão dificuldade nenhuma em dormir tranquilamente, mesmo numa fria noite de inverno, sobre o chão, com uma fina coberta de folhas, ou numa sala abarrotada, em uma quente noite de verão.

A cobiça, a ira e a tolice são, portanto, as fontes de todas as aflições humanas. Para se livrar destas fontes de aflicção, deve-se observar os preceitos, deve-se praticar a concentração mental e deve-se ter sabedoria. A observância dos preceitos removerá as impurezas da cobiça; a correta concentração mental removerá as impurezas do ódio; e a sabedoria removerá as impurezas da tolice.

5. Os desejos humanos são infundáveis. São como a sede de um homem que bebendo água salgada, não se satisfaz e sua sede apenas aumenta.

Assim acontece com o homem que procura satisfazer seus desejos; apenas consegue o aumento da insatisfação e a multiplicação de suas lições.

A satisfação dos desejos nunca é completa; ela deixa atrás de si a inquietude e a irritação que nunca podem ser atenuadas; e se a satisfação dos desejos for impedida a um homem, ela, muitas vezes, o conduzirá à insanidade.

Para satisfazer seus desejos, os homens se empenharão, mesmo matarão e lutarão uns contra os outros, rei contra rei, vassalo contra vassalo, pai contra filho, irmãos contra irmãos, amigo contra amigo.

Os homens, muitas vezes, arruinam suas vidas na tentativa de concretizar os desejos. Roubarão, insultarão e cometerão adultério, e então, sendo apanhados, sofrerão com a desgraça e a punição por isso.

Eles pecarão contra o próprio corpo, língua e mente, embora sabendo perfeitamente que, no final das contas, a satisfação dos desejos lhes trará infelicidade e sofrimento. E então, sofrem neste mundo e, após a morte, terão que arrastar as agonias e sofrimentos de adentrar em outro mundo de trevas.

6. De todas as paixões mundanas, a luxúria é a mais intensa e todas as outras paixões lhe seguem como sua conseqüência.

A luxúria fertiliza o solo em que outras paixões florescem. É como um demônio que devora todos os bons atos do mundo. A luxúria é a víbora oculta na flor do jardim e envenena aqueles que vêm à procura da beleza. É a trepadeira que se enreda na árvore, sufocando-a. A luxúria insinua seus tentáculos nas emoções humanas e suga o bom senso da mente, até vê-la fenecer. A luxúria é como a isca atirada por um demônio: o tolo se deixa por ela fisgar e é arrastado para as profundezas do mundo do mal.

Se um osso coberto de sangue for dado a um cão, ele o roerá até ficar cansado e frustrado. A luxúria é para o homem exatamente como o osso é para o cão; ela apenas o cansará e não o satisfará.

Se um único pedaço de carne for atirado a duas feras, elas lutarão e se arranharão uma a outra para conseguí-lo. Um homem tolo se queimará, quando segurar uma tocha contra o vento. Assim como estas duas feras e este tolo, os

homens se ferem e se queimam por causa de seus desejos mundanos.

7. É fácil proteger o corpo das flechas envenenadas, mas é impossível proteger a mente das setas venenosas que se originam dentro dela. A cobiça, o ódio, a tolice e as desenfreadas paixões na mente a infectam com veneno mortal.

Se os homens forem atacados pela cobiça, pela ira, e pela tolice, eles mentirão, trapacearão, abusarão e fingirão e, então, poderão pôr em prática suas palavras, matando, roubando e cometendo adultérios.

Os dez grandes males de um homem constituem-se de: três males da mente, quatro da língua e três do corpo.

Se os homens se habituarem a mentir, estarão inconscientemente cometendo más ações. Antes que possam agir com maldade, devem mentir, e uma vez que comecem a mentir, agirão pecaminosamente com tranquilidade.

A cobiça, a luxúria, o temor, a ira, o infortúnio, tudo advém da tolice. Assim sendo, a tolice é o maior dos venenos.

8. Do desejo nasce a ação; da ação surge o sofrimento; destarte, o desejo, a ação e o sofrimento são como uma roda que gira interminavelmente, condicionando o carma.

A rotação desta roda não tem princípio nem fim; como

pode o homem escapar do ciclo do nascimento e morte? Uma vida segue outra, no ciclo das transmigrações em infinitável repetição.

Se os ossos deixados por um só homem, através das infinitáveis transmigrações, fossem acumulados, sua pilha seria mais alta que uma montanha; se todo o leite materno, bebido durante este período, fosse armazenado, ter-se-ia um volume maior do que o do oceano.

Embora a natureza búdica exista em todos os homens, ela se acha profundamente encoberta pelo lodo das paixões mundanas e permanece por muito tempo desconhecida . Eis porque o sofrimento é tão universal e eis porque há esta interminável repetição de vidas miseráveis.

II

A NATUREZA DO HOMEM

1. A natureza do homem é como uma mata cerrada, impenetrável e incompreensível. Comparada a ela, a natureza das feras é muito mais fácil de compreender. Podemos, de um modo geral, classificar a natureza do homem, de acordo com as quatro salientes diferenças.

Primeira, há homens que, por causa dos ensinamentos errados, praticam austeridade e compelem a sofrer. Segunda, há aqueles que, por crueldade, por roubar, por matar ou por

outros maus atos, fazem os outros sofrer. Terceira, há aqueles que levam os outros a sofrerem juntos com eles. Quarta, há homens que não sofrem e salvam os outros do sofrimento. Estes últimos, por seguir os ensinamentos de Buda, não dão margem a cobiça, à ira e à ignorância, mas vivem vidas tranquilas, cheias de bondade e sabedoria, sem roubar ou matar.

2. Há três tipos de homens no mundo. Os primeiros são como letras entalhadas nas rochas; dão facilmente margem ao ódio e retêm irados pensamentos por muito tempo. Os segundos são como letras escritas na areia; também sentem ódio, mas seus irados pensamentos rapidamente desaparecem. Os terceiros são como letras escritas em água corrente; não retêm pensamentos passageiros; deixam o abuso e a inoportuna bisbilhotice passarem despercebidos; suas mentes estão sempre puras e imperturbáveis.

Há ainda três outros tipos de homens. Existem aqueles que são orgulhosos, agem temerariamente e nunca estão satisfeitos; suas naturezas são fáceis de entender. Há aqueles que são corteses e sempre agem com consideração; suas naturezas são difíceis de entender. Por último, há aqueles que dominaram completamente os desejos; é impossível compreender suas naturezas.

Assim os homens podem ser classificados de muitas maneiras, mas suas naturezas são impenetráveis. Somente Buda as compreende e, com Sua sabedoria, orienta-os com vários ensinamentos.

III

A VIDA DO HOMEM

1. Vejamos uma alegoria que retrata a vida humana. Era uma vez, um homem que remava um barco rio abaixo. Alguém que estava na margem o advertiu dizendo: “Pare de remar tão vigorosamente nesta suave corrente; logo adiante há corredeiras e um perigoso redemoinho, há crocodilos e demônios à espreita nas rochosas grutas. Você perecerá, se continuar.”

Nesta alegoria, “suave corrente” representa a vida de luxúria; “remando vigorosamente” significa dar vazão às paixões; “corredeiras adiante” representa o prazer; “crocodilos e demônios” refere-se à decadência e morte que seguem a vida de luxúria e da indulgência aos maus desejos; “Alguém na margem”, que adverte, é Buda.

Eis outra alegoria. Um homem que havia cometido um crime fugia à perseguição dos guardas. Tentou se esconder, descendo em um poço agarrando-se nas trepadeiras que cresciam em seus bordos. Quando descia, viu no fundo do poço, algumas víboras; refreou então, sua descida, agarrando-se e sustentando-se firmemente no cipó. Depois de um tempo, quando seus braços começaram a se cansar, ele viu dois camundongos, um branco, outro preto, roendo o cipó.

Se o cipó se partisse, ele cairia, seria picado pelas víboras e pereceria. De repente, porém, olhando para cima, viu

uma colmeia, de onde ocasionalmente, gotejava o mel. O homem, esquecendo-se dos perigos que corria, provou o mel com satisfação.

O homem significa todo aquele que nasce para sofrer e morrer sozinho. Os guardas e as víboras representam o corpo com todos os seus desejos. Os cipós significam a continuidade da vida humana. Os dois camundongos, um branco e outro preto se referem ao escoar do tempo: os dias e as noites e o passar dos anos. O mel simboliza os prazeres físicos que iludem o sofrimento dos anos que passam.

2. Eis ainda outra alegoria. Um rei colocou quatro víboras numa caixa e a confiou à guarda de um criado. Ele lhe recomendou a tratar bem das serpentes e o advertiu que seria morto se a elas maltratasse. O criado, aterrorizado, decidiu jogar a caixa e fugir.

O rei mandou em seu encalço cinco guardas que dele se acercaram e, amistosamente, pretenderam levá-lo de volta, mas o criado não confiando na amabilidade deles, fugiu para outra aldeia.

Então em um sonho, uma voz lhe dizia que nesta aldeia não havia abrigo seguro e que seis bandidos o atracariam. Aterrorizado, o criado fugiu até chegar a um impetuoso rio que lhe barrou o caminho. Pensando nos perigos que o estavam seguindo, fez uma jangada, conseguiu cruzar a turbulenta corrente e alcançar segurança e paz.

As quatro víboras da caixa são os quatro elementos – terra, ar, fogo e água – que compõe o corpo físico. Este corpo, fonte do desejo e da luxúria, é o inimigo da mente. Portanto esta tenta fugir daquele.

Os cinco guardas que se acercaram amistosamente são os cinco agregados – a forma, o sentimento, a percepção, a vontade e a consciência que formam o corpo e a mente.

O abrigo seguro são os seis sentidos, que não são, apesar de tudo, refúgios seguros, e os seis bandidos são os seis objetos destes seis sentidos. Assim, vendo as ciladas e os perigos nos seis sentidos, o criado fugiu uma vez mais, até chegar à bravia corrente dos desejos mundanos, onde, com os bons ensinamentos de Buda, fez uma jangada e sobrepujou, com segurança, a turbulenta corrente.

3. Há três ocasiões de perigo em que um filho não pode salvar a mãe e nem a mãe pode salvar o filho: num grande incêndio, numa inundação e num assalto. Mas, mesmo nestas perigosas e angustiantes ocasiões, há oportunidades para se ajudar uns aos outros.

Entretanto, há três ocasiões em que é impossível a uma mãe salvar o filho e o filho salvar a mãe. Estas três ocasiões são: o tempo da doença, o tempo de ficar velho e o momento da morte.

Como pode um filho ocupar o lugar da mãe que está envelhecendo? Como pode uma mãe adoecer em lugar de

seu filho? Como pode um ajudar ao outro, quando a morte se aproxima? Não importa o quanto possam amar-se um ao outro, nem quão íntimos possam ser, nenhum pode ajudar o outro em tais ocasiões.

4. Certa vez, Yama, o lendário rei da Trevas, chamou um homem que, em vida, agira mui pecaminosamente, e lhe perguntou se, durante a sua vida, encontrou três mensageiros do céu. O homem lhe respondeu: “Não, meu senhor, eu nunca encontrei tais pessoas”.

Yama perguntou-lhe se havia encontrado uma pessoa idosa, vergada pelos anos e andando com uma bengala. O homem replicou: “Sim, meu senhor, encontrei pessoas assim, freqüentemente”. Então, Yama lhe disse: “Você está sofrendo este castigo, porque não reconheceu naquele velho um mensageiro do céu, enviado para adverti-lo para que mudasse rapidamente seu modo de agir antes que se tornasse também um homem velho”.

Yama perguntou-se, novamente, se já havia visto um homem pobre, doente e sem amigos. O homem lhe respondeu: “Sim, meu senhor, eu vi tais homens”. Então, Yama lhe disse: “Você se encontra agora neste lugar, porque não reconheceu nestes homens doentes os mensageiros do céu, enviados para adverti-lo sobre sua própria doença”.

Uma vez mais, Yama lhe perguntou se já havia visto um homem morto. O homem retrucou: “Sim, meu senhor, muitas vezes, estive na presença dos mortos”. Yama lhe

disse: “Você aqui se encontra, porque não reconheceu nos mortos os mensageiros do céu, enviados para adverti-lo sobre seu próprio fim. Se tivesse reconhecido estes mensageiros e obedecido às suas advertências, você teria mudado seu curso e não precisaria vir a este lugar de sofrimento”.

5. Kisagotami, a jovem esposa de um homem rico, enlouquecera quando seu filho morreu. Desatinada, agarrou a criança morta em seus braços e andou de casa em casa, pedindo às pessoas que curassem o menino.

Certamente, ninguém nada pôde fazer por ela, mas um discípulo de Buda aconselhou-a a procurar o Abençoado que se encontrava em Jetavana, e assim, ela levou a criança morta até Buda.

Buda olhou-a com simpatia e lhe disse: “Para curar a criança, eu preciso de algumas sementes de mostarda; vá e peça quatro ou cinco sementes de mostarda nas casas em que a morte nunca tenha entrado”

Assim, a desvairada mulher saiu e foi procurar uma casa em que a morte nunca entrara, mas em vão. Por fim, retornou a Buda. Em Sua serena presença, sua mente se desanuvia e ela compreendeu o significado de Suas palavras. Ela levou o corpo de volta e o enterrou, em seguida, retornou a Buda e se tornou uma de Suas seguidoras.

IV

A VERDADE SOBRE A VIDA HUMANA

1. Os homens neste mundo têm a predisposição de serem egoístas e antipáticos; não sabem como amar e respeitar uns aos outros; argumentam, discutem e se batem sobre banalidades, apenas para o próprio mal e sofrimento e a vida se torna uma melancólica roda de infelicidade.

Não importando se são ricos ou pobres, os homens se preocupam com o dinheiro; sofrem com a pobreza e sofrem com riqueza. Nunca estão contentes ou satisfeitos, porque suas vidas são controladas pela cobiça.

O rico se preocupa com seu patrimônio; preocupa-se com sua mansão ou outras propriedades. Aflige-se, enfim, com o desastre que lhe possa acontecer: incêndio em sua mansão, roubos ou seqüestro. Preocupa-se com a morte e a disposição de sua fortuna. Com efeito, seu caminho para a morte é solitário, ninguém o acompanhará em sua morte.

O pobre sempre sofre com a insuficiência e isto serve para despertar-lhe intermináveis desejos por um terreno, por uma casa. Inflamado pela cobiça, ele destrói o corpo e a mente e acaba morrendo na metade de sua vida.

O mundo todo lhe parece antagônico e o caminho para a morte lhe parece longo e solitário, sem amigos a acompanhá-lo.

2. Neste mundo há cinco males. Primeiro, há crueldade; toda criatura, mesmo os insetos, luta uma contra outra. O forte ataca o fraco; o fraco ludibria o forte; em toda a parte há lutas e crueldade.

Segundo, não há uma clara demarcação entre os direitos de um pai e de um filho; entre o irmão mais velho e o mais novo; entre marido e mulher; entre parentes. Em toda a ocasião cada um quer ser o maior e aproveitar dos outros. Eles se enganam uns aos outros, há, então, decepção e insinceridade.

Terceiro, não há uma clara delimitação de comportamento entre homens e mulheres. Todos têm, às vezes, impuros e lascivos pensamentos e desejos, que os levam a perpetrar atos duvidosos, que os induzem às discussões, lutas, injustiças e à perversidade.

Quarto, há uma tendência nos homens em desrespeitar os direitos de outrem, em exagerar a própria importância em detrimento dos outros, em estabelecer falsos padrões de comportamento e, sendo injustos em suas palavras, enganam, caluniam e abusam dos outros.

Quinto, há uma tendência nos homens em negligenciar seus deveres em relação aos outros. Preocupam-se demais com o seu próprio conforto e desejos; esquecem-se dos favores recebidos e causam aborrecimentos aos outros, que sofrem grande injustiça.

3. Os homens deveriam ter mais simpatia uns pelos outros; deveriam respeitar-se mutuamente por suas boas características e ajudar-se uns aos outros em suas dificuldades; mas assim não se passa. Eles são egoístas e empedernidos; desprezam-se por seus insucessos e odeiam os outros por suas vantagens. Estas aversões geralmente pioram com o tempo e se tornam intoleráveis.

Estes sentimentos de antipatia não terminam, de imediato, em atos de violência; entretanto, envenenam a vida de tal maneira, com os sentimentos de aversão e ódio, que se gravam de maneira profunda na mente, e os homens carregam suas marcas nos ciclos cármicos.

Na verdade, neste mundo de luxúria, o homem nasce e morre sozinho, não há ninguém com quem partilhar o castigo na vida depois da morte.

A lei da causa e efeito é universal; cada um deve carregar seu próprio fardo de erros e deve percorrer um longo caminho para a sua remissão. Uma vida de simpatia e bondade resultará em boa ventura e felicidade.

4. Com o passar dos anos, os homens, vendo quão fortemente estão presos à cobiça, ao hábito e sofrimento, entristecem-se e se desanimam. Em seu desencorajamento, muitas vezes, discutem com os outros, mergulham cada vez mais profundamente nos erros e desistem de trilhar o verdadeiro caminho; às vezes, suas vidas chegam a um fim prematuro, em meio a sua perversidade, e por isso, sofrem eternamente.

Esta queda no desânimo, devido aos infortúnios e sofrimentos, é muito inatural e contrária à lei do céu e da terra, e portanto, o homem deve sofrer neste e no outro reino após a morte.

É bem verdade que tudo nesta vida é transitório e cheio de incertezas, mas também é lamentável que alguém ignore este fato e continue a busca pelo prazer e satisfação de seus desejos.

5. Neste mundo de sofrimentos, é natural que os homens pensem e ajam de forma egocêntrica; em contrapartida, porque assim agem, é natural também que o sofrimento e a infelicidade os sigam.

Os homens se favorecem a si mesmos e negligenciam os outros. Dirigem seus desejos à cobiça, à luxúria e a todo o mal. Por estes fatos, eles devem sofrer interminavelmente.

Os tempos de luxúria não perduram muito, passam rapidamente; nada, neste mundo, poder ser desfrutado durante muito tempo.

6. Portanto, os homens devem abandonar, enquanto jovens e saudáveis, toda a cobiça e apego aos negócios mundanos, e buscar seriamente a Iluminação, pois não haverá nenhuma esperança nem felicidade duradoura fora da Iluminação.

Muitos homens, entretanto, não crêem ou ignoram a

leia da causa e efeito. Continuam com seus hábitos de cobiça e egoísmo, esquecendo-se do fato, segundo o qual, a boa ação traz felicidade e a má ação, infortúnio. Também não acreditam que os atos, cometidos pelos homens, condicionam as vidas seguintes e implicam em outra, legando-lhes recompensas ou punições pelos seus erros.

Os homens lamentam e se queixam de seus sofrimentos, interpretando mal o significado que têm seus atos presentes sobre suas vidas futuras, e a relação que há entre seus sofrimentos atuais e os atos cometidos em vidas anteriores. Pensam somente no desejo e sofrimento atuais.

Nada no mundo é permanente ou duradouro; tudo muda, é transitório e imprevisível. Mas os homens são nescios e egoístas, preocupam-se somente com os desejos e sofrimentos do momento presente. Não dão atenção aos ensinamentos nem tentam compreendê-los; simplesmente se entregam aos interesses, à riqueza e à luxúria.

7. Desde tempos imemoriais, um incalculável número de pessoas têm nascido e continuam a nascer neste mundo de ilusão e sofrimento. É fato deveras auspicioso, entretanto, que o mundo tenha os ensinamentos de Buda e que os homens possam neles acreditar e ser salvos.

Portanto, os homens deveriam pensar profundamente, deveriam conservar suas mentes puras e os corpos sadios, deveriam evitar a cobiça e o mal e buscar apenas o bem.

Felizmente, o conhecimento dos ensinamentos de Buda já nos é possível; deveremos acreditar neles e desejar renascer na Terra Pura de Buda. Conhecendo os ensinamentos de Buda, não deveremos seguir os outros em seus gananciosos e pecaminosos caminhos, nem deveremos conservar apenas conosco os ensinamentos de Buda. Mas deveremos praticá-los e transmiti-los aos outros.

CAPÍTULO V

A SALVAÇÃO OFERECIDA POR BUDA

I

OS VOTOS DO BUDA AMIDA

1. Como já foi dito, os homens sempre se submeteram às suas paixões mundanas, acumulando erros sobre erros, carregando pesados fardos de atos intoleráveis, e se vêem incapazes, com sua cobiça e sabedoria e força, de romper os hábitos da cobiça e indulgência para com os maus desejos. Se são incapazes de superar e remover as paixões mundanas, como podem compreender a sua verdadeira natureza de Buda?

Buda, que compreendeu completamente a natureza humana, alimentou grande simpatia pelos homens e fez um voto, pelo qual ele faria todo o possível, mesmo à custa de grande fadiga, para aliviá-los de seus temores e sofrimentos. Para proporcionar este alívio, Ele se manifestou, em um passado remoto, como um Bodhisattva e fez os seguintes votos:

(a) “Embora alcance o estado de Buda, não me considere realizado, até que todos em meu país tenham a certeza de entrar no reino de Buda e obter a Iluminação.”

(b) “Embora alcance o estado de Buda, não me considere realizado, enquanto minha luz salvadora não bri-

lhar em todo o mundo.”

(c) “Embora alcance o estado de Buda, não me considerarei realizado, a não ser que minha vida perdure através dos séculos e salve inumeráveis homens.”

(d) “Embora alcance o estado de Buda, não me considerarei realizado, enquanto todos os Budas nas dez direções não se unirem ao louvar o meu nome.”

(e) “Embora alcance o estado de Buda, não me considerarei realizado, até que os homens, com mente confiante, consigam, repetindo dez vezes o meu nome, renascer em meu reino.”

(f) “Embora alcance o estado de Buda, não me considerarei realizado, até que os homens em toda parte, decidam-se em alcançar a Iluminação, pratiquem as boas virtudes, desejem sinceramente nascer em meu reino; se assim acontecer, em companhia de Bodhisattvas, eu os saudarei no momento de suas mortes e os levarei para a minha Terra Pura.”

(g) “Embora alcance o estado de Buda, não me considerarei realizado, até que os homens, ouvindo o meu nome, pensem em meu reino e nele desejem nascer, plantem com sinceridade as sementes da virtude e sejam capazes de cumprir todos os desejos de seus corações.”

(h) “Embora eu alcance o Estado de Buda, que este

nunca seja perfeito até que todos os nascidos em minha Terra Pura alcancem o estágio de se tornarem Buda Após um Único Renascimento, excluindo-se dessa circunstância aqueles que, com base em seus próprios votos particulares, e pelo bem das pessoas, envergam a armadura do Grande Voto, trabalham em benefício e pela paz do mundo, conduzem inumeráveis seres à iluminação e acumulam os méritos da grande compaixão.”

(i) “Embora alcance o estado de Buda, não me considere realizado, até que os homens do mundo inteiro sejam influenciados por minha mente de amável compaixão, que lhes purificará as mentes e corpos e os conduzirá acima das coisas mundanas.”

(j) “Embora alcance o estado de Buda, não me considere realizado, até que os homens de toda parte, ouvindo meu nome, tenham idéias corretas a respeito da vida e morte, tenham a perfeita sabedoria que lhes permitirá manter as mentes puras e tranquilas, entre a cobiça e o sofrimentos do mundo.”

“Assim, tenho feito meus votos; não possa eu alcançar o estado de um Buda, enquanto eles não forem cumpridos. Possa eu tornar-me a fonte da Luz infinita, libertando e irradiando os tesouros de minha sabedoria e virtude, iluminando todas as terras e emancipando todos os homens sofredores.”

2. Assim, acumulando inumeráveis virtudes, através dos

séculos, Ele se tornou mida ou o Buda da Luz e Vida Infinitas e aperfeiçoou Sua Terra de Pureza de Buda, em que agora vive, num mundo de paz, iluminando todos os homens.

Esta Terra Pura, em que não há sofrimento, é realmente muito tranquila e feliz. Roupas, alimentos e todas as coisas bonitas aparecem, quando aqueles que ali vivem os desejarem. Quando uma brisa suave passa por entre as árvores carregadas de jóias, a música de seus sagrados ensinamentos enche o ar e aclara as mentes daqueles que a ouvem.

Nesta Terra Pura, há muitas flores de lótus perfumadas, cada flor tem preciosas pétalas e cada pétala brilha suavemente, com indescritível beleza. A radiação destas flores de lótus ilumina o caminho da Sabedoria. Aqueles que ouvem a música dos sagrados ensinamentos alcançam a paz perfeita.

3. Agora, todos os Budas dos dez quadrantes estão louvando as virtudes do Buda da Luz e Vida Infinitas.

Todo aquele que, ao ouvir este nome de Buda, o exaltar e o receber com alegria, terá sua mente identificada com a de Buda e renascerá na maravilhosa Terra de Pureza de Buda.

Aqueles que nascem nesta Terra Pura partilham a indável vida de Buda; seus corações se enchem de simpatia por todos aqueles que sofrem e lhes mostram os meios de salvação de Buda.

Compenetrados nestes votos, eles abandonam todos os apegos mundanos e apreendem a impermanência deste mundo. Dedicam-se, com suas virtudes, à emancipação de todos; integram suas próprias vidas com as dos outros, compartilhando suas ilusões e sofrimentos e, ao mesmo tempo, educam-nos à libertação de todos os grilhões e apegos desta vida mundana.

Eles conhecem todos os obstáculos e dificuldades da vida mundana, sabem também que a compaixão de Buda é ilimitável e sempre atuante. São livres para ir ou vir, para prosseguir ou parar, mas preferem permanecer com aqueles sobre quem Buda lançou Sua compaixão.

Desta maneira, todo aquele que, ouvindo o nome deste Buda Amida, puder invocar com fé perfeita este nome, compartilhará a compaixão de Buda. Assim, todos deverão atender ao ensinamento de Buda e segui-lo, mesmo que ele pareça conduzi-los novamente através das chamas que envolvem este mundo de vida e de morte.

Se, verdadeira e seriamente, os homens desejarem alcançar a Iluminação, deverão confiar no poder deste Buda. É impossível a uma pessoa comum compreender sua suprema natureza Búdica, sem o auxílio deste Buda.

4. O Buda Amida não está longe de ninguém. Sua Terra de Pureza é descrita como estando longe do Quadrante Ocidental, mas encontra-se também nas mentes de todos aqueles que, verdadeiramente, desejarem lá nascer.

Quando retratada na mente, a imagem de Buda Amida, brilhando com dourado esplendor, parecerá compor-se de oitenta e quatro mil talhes ou traços, cada talhe ou traço emitindo oitenta e quatro mil raios de luz e cada raio de luz iluminando o mundo, nunca deixando a alguém que esteja recitando o nome de Buda, nas trevas. Assim, este Buda lhes facilita a salvação que Ele oferece.

Se conseguirem ver a imagem de Buda, os homens estarão aptos a compreender a mente de Buda. A mente de Buda é a da grande compaixão que a tudo abarca, mesmo àqueles que desconhecem Sua compaixão ou dela se esquecem, mais ainda àqueles que dela se lembram com uma mente confiante.

Para aqueles que têm fé Ele oferece oportunidade para que se tornem como Ele. Como este Buda é imparcial, estendendo a todos indistintamente a Sua compaixão, todo aquele que pensar neste Buda, o terá em sua mente.

Isto significa que, quando uma pessoa pensar devotadamente em Buda, terá a mente deste em toda sua pura, feliz e tranqüila perfeição. Em outras palavras, sua mente será a mente de Buda.

Portanto, cada um, com sua mais pura e sincera fé, deveria cultivar sua própria mente como se fosse a mente de Buda.

5. Buda tem muitas formas de transfiguração e

encarnação, e pode manifestar-se de muitas maneiras, segundo a necessidade e capacidade de cada pessoa.

Manifesta seu corpo em tamanho descomunal para cobrir todo o céu e estender-se por todo o ilimitável espaço sideral. Também se manifesta como o infinitamente pequeno da natureza, às vezes, como forma, às vezes como energia, às vezes como aspectos da mente e por vezes como pessoa.

Mas, de qualquer modo, certamente se manifestará diante daqueles que recitarem com mente confiante o nome de Buda. Diante destes, Amida sempre aparece acompanhado de dois Bodhisattvas: Avalokitesvara, o Bodhisattva da Compaixão e Mahasthamaprapta, o Bodhisattva da Sabedoria. Suas manifestações abrangem todo o mundo para que todos as vejam, mas somente aqueles que têm fé poderão notá-las.

Aqueles que são capazes de ver suas manifestações temporais adquirem duradoura satisfação e felicidade. Aqueles que são capazes de ver o verdadeiro Buda alcançam incalculáveis fortunas de alegria e paz.

6. Como a mente do Buda Amida, com todas as ilimitadas potencialidades de amor e sabedoria, é compaixão, Buda pode salvar a todos.

Os mais perversos dos homens, que cometem nefandos crimes, aqueles cujas mentes estão cheias de cobiça, ira e ignorância; aqueles que mentem, tagarelam, abusam e

trapaceiam; aqueles que matam, roubam e agem lascivamente; aqueles que estão próximos da morte, após anos de maus atos; todos eles estão destinados a longos anos de castigo, mas todos podem ser salvos.

Um bom amigo vem até eles e lhes diz, em seu momento derradeiro: “Vocês estão agora enfrentando a morte, não poderão encobrir suas vidas de perversidade, mas poderão encontrar refúgio na compaixão do Buda de Infinita Luz, apenas recitando o seu nome”.

Se estes perversos homens recitarem, com sinceridade e decisão, o sagrado nome do Buda Amida, todos os erros que os levaram às desconcertantes ilusões desaparecerão.

Se o simples recitar deste nome sagrado pode fazer isso, o que poderá acontecer àquele que é capaz de concentrar a mente em Buda!

Aqueles que à hora da morte, forem capazes de recitar este nome sagrado, serão recebidos por Buda Amida e pelos Bodhisattvas da Compaixão e da Sabedoria e serão conduzidos à Terra de Buda, onde renascerão com toda a pureza de um branca flor de lótus.

Todos, portanto, devem ter em mente as palavras “Namo Amida Butsu” ou Sincera Confiança no Buda da Luz e Vida Infinitas!

II

A TERRA DE PUREZA DO BUDA AMIDA

1. O Buda da Luz e Vida Infinitas vive para sempre e sempre irradia Sua Verdade. Na Sua Terra Pura não há sofrimento nem trevas, e cada hora é passada com alegria; eis porque ela é chamada de Terra da Bem-Aventura.

No meio desta Terra há um lago de águas puras, frescas e cintilantes, cujas ondas batem suavemente nas praias de areias douradas. Aqui e acolá, as enormes flores de lótus, com seus mais variados matizes e cores, perfumam agradavelmente o ar.

Em diversos lugares, na margem do lago, há pavilhões decorados em ouro e prata, em lazulita e cristal, com escadarias de mármore até a beira d'água. Em outros lugares há parapeitos e balaústres pendentes sobre a água, emoldurados com cortinas e rendas de preciosas jóias, e entre eles há bosques de especiarias e arbustos floridos.

A terra brilha com a beleza e o ar vibra com as celestiais harmonias. Seis vezes ao dia e à noite, do céu caem pétalas de flores delicadamente coloridas e os homens as recolhem e as levam a todas outras terras de Buda, ofertando-as aos inumeráveis Budas.

2. Nesta maravilhosa terra há muitos pássaros. Há cegonhas e cisnes brancos como neve, há pavões de alegre

colorido, há aves tropicais do paraíso, e há bandos de passarinhos que cantam suavemente. Nesta Terra Pura de Buda, estes pássaros canoros estão entoando os ensinamentos de Buda e louvando Suas virtudes.

Todo aquele que ouvir e der atenção à música destas vozes, ouvirá a voz de Buda e despertará com a renovada fé, alegria e paz na solidariedade da fraternidade dos seguidores.

Suaves zéfiros passam entre as árvores desta Terra Pura e agitam as fragrantes cortinas dos Pavilhões e se escoam com a suave cadência das músicas.

Os homens, ouvindo os débeis ecos desta música celestial, pensam em Buda, no Dharma e na Sangha. Todas estas excelências não passam de simples reflexos das coisas corriqueiras da Terra Pura.

3. Por que Buda, nesta terra, é chamado Amida, o Buda da Luz e Vida Infinitas? Assim é chamado porque o esplendor de Sua Verdade se irradia para além dos limites exteriores e interiores das terras de Buda; é porque a vitalidade de Sua compaixão nunca fenece através das incalculáveis vidas e eras.

É porque o número daqueles que nascem em Sua Terra Pura e são iluminados perfeitamente é incalculável e porque jamais retornarão ao mundo de delusões e morte.

É porque o número daqueles que despertaram na nova Vida com Sua Luz é também incalculável.

Todos os homens deveriam portanto, concentrar suas mentes em Seu Nome e, quando chegarem ao fim da vida, deveriam, com fé sincera, recitar, mesmo por um ou sete dias, o Nome do Buda Amida. Se, com mente confiante, assim o fizerem, poderão renascer na Terra de Pureza de Buda, sendo conduzidos pelo Buda Amida e muitas outras deidades que aparecem em seu derradeiro momento.

Se todo homem, ao ouvir o Nome do Buda Amida, tiver a fé despertada em Seus ensinamentos, poderá alcançar a perfeita Iluminação.